

## CAPÍTULO 4

### INVASÃO

Terra – América do Sul – Cidade de Cristo – Residência dos Enllux.

Na pequena cidadela, o dia começava, o relógio da moradia dos Enllux marcava por volta das sete e vinte, o céu holográfico aos poucos adquiria o brilho de um novo amanhecer.

Gabriel se arrumava para ir à escola. Colocou o tênis, guardou livros e cadernos na mochila, arrumou a cama, e organizou o quarto um pouco. Izabell limpava a louça do café da manhã, Senji organizava o quarto do casal, e checava seus equipamentos.

— Pai? – Gabriel se aproximou a porta, com a mochila nas costas. — Tô saindo, até mais tarde!

— Até mais. Tenha uma boa aula.

Ele desceu as escadas e correu em direção à porta.

— Tchau mãe!

— Não volte muito tarde, quero você aqui antes da janta! – gritou.

— Tá bom, eu já sei!

— Até mais tarde, boa aula.

— Até! – se despediu, deixando a casa.

Gabriel corria em direção à escola, quando avistou Lucian, que andava bem devagar, parecia cansado, seus olhos estavam cheios de olheiras.

— Lucian? Você tá bem, cara?

— Hum... Falou comigo? – estava distante, as pálpebras estavam pesadas, andava com a cabeça baixa, era quase um zumbi.

— Passou a noite acordado fazendo o trabalho de Tecnologia?

— Aham... – respondeu, sem energias pra falar.

— Quem mandou deixar pra última hora, mas achei que nem ia fazer, como sempre.

— Eu até pensei nisso, mas minha mãe disse que me matava se minhas notas não melhorassem.

— É o que acontece quando se tem as piores notas da sala... – Marte se juntou aos dois.

— Não precisa me lembrar, obrigado! – protestou.

— Sou apenas realista – ajustou os óculos.

— Tanto faz! Estou com muito sono pra discutir com você agora.

— Duvido você conseguir ficar acordado na aula. Os professores vão acabar te mandando pra diretoria – alertou Gabriel.

— Dá pra aguentar até o recreio.

— A primeira aula é Conceitos Universais – lembrou-lhe Marte.

— Acho que vou precisar de café, um monte de café.

— Eu também acho – Gabriel concordou.

Os garotos atravessaram o portão frontal da escola. Marte e Gabriel acompanharam Lucian até o refeitório, depois, se dirigiram a sua sala se sentando em seus lugares.

O professor, um homem caucasiano, de cabelos castanhos, com cerca de quarenta anos adentrou, jogando sua mochila sobre a mesa e sacando a sua caneta digital, escrevendo no quadro: “*Sistema Chronus*”.

— Como os disse na última aula, hoje nós vamos tratar de um assunto muito importante pra qualquer um que deseje visitar outros mundos no futuro, o “*Sistema Chronus*”, utilizado universalmente pra definir passagem de tempo onde quer que você esteja.

— Ai não... Isso vai ser muito chato! – desesperou-se Lucian.

— Tendo como referência o planeta onde está à sede da Assembleia Metatron, Cathedral, o Sistema Chronus é universal, mas interpretado de maneira diferente dependendo do sistema cronológico da sua nação, por exemplo, nós humanos utilizamos minutos, horas, dias, semanas, meses e anos, na nossa perspectiva, *Um Chronus* equivale a 120 horas, ou seja, cinco dias. Se passássemos uma rotação inteira em Cathedral, seria o mesmo que passar cinco dias em nosso planeta, e permanecer 73 dias lá, seria o mesmo que um ano aqui.

— O que foi que ele disse?! Alguém me dá um dicionário! Não entendi nada! – Lucian parecia perdido.

— É bem simples, na verdade... – Marte ajustou os óculos.

— Acho que tô entendo... – Gabriel se esforçava para entender.

— Em outras ocasiões, se um indivíduo diz que “Em meu planeta, *Um Chronus* equivale a dois ciclos”, significa dizer que quanto menor o número de ciclos, maior é a aproximação ao tempo de Cathedral. Neste caso, o indivíduo estaria dizendo que dois ciclos em seu planeta, são aproximadamente 120 horas, sendo assim, cada dia equivale a 60 horas aqui, e assim por diante.

— E se um planeta tiver mais que 120 horas na duração de um dia? – questionou um aluno.

— Neste caso usamos *Exal Chronus*, dizemos que cada *Exal Chronus* equivale a dez horas a mais na duração de um ciclo. Para indicar anos, nós usamos o *Anno Chronus*, que equivale a 422 Chronus, que na Terra seria o equivalente a seis anos. Por último usamos o *Tempus Chronus* pra indicar a atual idade do universo, claro que não com exatidão, é apenas uma referência que usa como base os primeiros registros da história que se tem conhecimento... – continuou a explicação.

---

Em algum lugar sobre o Oceano Atlântico – Filial da Signios.

A superfície do planeta Terra era um cenário caótico e sombrio. O céu estava sempre coberto por densas nuvens negras, impedindo que os raios de sol entrassem, tornando o ambiente extremamente escuro. A água dos oceanos era turva e imunda, dejetos humanos flutuavam sem rumo.

Pelos continentes estavam os destroços das grandes metrópoles humanas, agora, cicatrizes do massacre de um milênio atrás. Poucos prédios e edifícios ainda estavam de pé, qualquer pequeno abalo poderia levá-los ao chão, restos humanos ainda podiam ser encontrados em alguns cantos, mas nada além de ossos, que se tornavam poeira ao vento.

Devido à contaminação, as diversas espécies de animais se adaptaram ao novo ambiente, e se transformaram com o tempo, se tornando bestas mutantes sedentas por sangue e carne fresca. As plantas, árvores, toda a vegetação do planeta havia apodrecido, algumas também havia se adaptado, aderindo formas grotescas. Pelo menos duas vezes ao dia caía uma densa chuva negra.

Para garantir a segurança dos humanos, a Signios instalou uma base de monitoramento sobre o Oceano Atlântico. Tratava-se duma colossal for-

taleza flutuante, a base de forma cônica sustentava uma pequena cidade-la de prédios enormes, que abrigavam os quase vinte mil cavaleiros que protegiam o planeta e tentavam restaurá-lo.

A fortaleza e seus edifícios estavam tingidos com uma cor esbranquiçada e prateada. No centro, estava uma cúpula, a porta estava decorada com uma cruz de prata, em seu interior, em milhares de computadores, trabalhavam seres de diferentes espécies, que observavam diferentes regiões do planeta através de seus monitores, e passavam instruções aos que estavam trabalhando do lado de fora.

Um operador retirou seus headphones, e espreguiçou-se.

— Minha parte favorita do trabalho, o intervalo! – comentou o operador ao companheiro que estava sentado na mesa ao lado.

— Eu pensei que sua parte favorita fosse o fim do expediente.

— Tem razão. O intervalo é minha segunda parte favorita. Às vezes eu queria que as coisas por aqui fossem mais agitadas. Quase nunca temos problemas, ou um pouco de ação.

— Eu não reclamaria. Esses intervalos não seriam tão calmos se estivessemos em outra sede, já ouvi muitos relatos de membros que estiveram em zonas de conflitos, acredite, não ia querer tá na pele deles.

— Isso é verdade... Tivemos sorte de sermos enviados pra cá, mas não entendo porque mantemos os humanos nesse planeta. Já disseram que é quase impossível recuperá-lo com os recursos que temos. Pra mim seria mais conveniente transportá-los pra colônia, e deixar eles junto com todos os outros sobreviventes e civis.

— Pelo que disseram, na época que enviaram agentes pra ajudar, eles acharam melhor mantê-los aqui, por não estarem prontos pra se deslocarem pra outro ambiente, mas agora eles têm suas cidades subterrâneas, e estão bastante acomodados, sem falar que estão seguros com nossa vigilância, é melhor deixar eles quietos.

— Mesmo assim, acho que estariam melhor vivendo na colônia... – ele subitamente notou um sinal surgindo no radar de seu monitor, desaparecendo no mesmo instante. — O que foi isso? Estranho... – o operador começou a teclar, buscando algo no computador.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não tenho certeza, mas por um momento o radar pegou um sinal... — após fazer uma breve busca, conseguiu recuperar os dados do momento em que o sinal foi detectado. — Senhor! — chamou o administrador da sala, que logo se aproximou.

— Algum problema? — indagou o administrador.

— Por um breve momento os radares atmosféricos detectaram um rápido sinal, no mesmo instante em que foi pego, ele desapareceu — apontou para a tela de seu computador, mostrando uma imagem do radar de instantes atrás, destacou um pequeno ponto vermelho.

— Já verificou as imagens das câmeras?

— Eu estou fazendo isso! — disse o outro monitor. — Ao que parece não captaram nada — colocou um vídeo das câmeras do mesmo instante em que o sinal foi detectado. — Isso é suspeito, se fosse um asteroide, ou algo parecido, teria aparecido nas imagens.

— Pode ser um alarme falso, há muito tempo não fazemos manutenção nos satélites, mas se eles detectaram algo que não apareceu nas gravações, pode ser também uma nave camuflada, e bem veloz... Provavelmente um modelo N7... — analisou. — É melhor não arriscar. Calculem a trajetória da colisão levando em conta o ponto em que foi detectada, e o possível modelo da nave, e se não houver equipes próximas do local, enviem uma que esteja de prontidão! — ordenou.

— Sim senhor! — disseram ambos.

— Parece que teremos um pouco de agitação hoje!

— Até que enfim!

---

América do Sul – Ruínas do antigo Rio de Janeiro, próximo ao morro do Corcovado.

Do alto dos céus, próximo ao morro onde residia uma enorme estatua, colidiu um objeto em alta velocidade, erguendo uma nuvem de poeira.

— Que lugar imundo! — anunciou uma voz, com desprezo.

A poeira começou a se dissipar, junto com ela, uma pequena nave esférica se tornou visível, de seu interior Garougo, o príncipe lowder, e os soldados que o acompanhavam, surgiram.

— Existe uma grande chance da Signios ter percebido nossa entrada – constatou. — Logo um grupo vai estar aqui pra verificar o local. Eu cuidarei deles, talvez me proporcionem um pouco de entretenimento.

O lowder puxou a espada embainhada nas suas costas, de empunhadura dourada, guarda em forma circular, lâmina fina, com cortes de ambos os lados, e uma larga corrente que se estendia a partir do pomo.

— Vocês exterminarão os humanos enquanto acabo com eles! Tentem deixar alguns pra mim! – cravou a espada no chão. — O Imperador disse que eles agora vivem em cidades subterrâneas, se as coordenadas tiverem corretas, estamos acima de um dos túneis que conecta a cidade a superfície.

Um intenso brilho envolveu o corpo da fera, o ar ao seu redor tremeu. A força vital transbordou e fluiu através da espada, disparando pela lâmina energia massiva, que atravessou o solo até alcançar uma passagem subterrânea, vários metros abaixo, onde ocorreu uma explosão.

— Ao trabalho! – Garougo saltou na cratera aberta pelo ataque.

---

#### Cidade de Cristo – Prefeitura – Sala do Prefeito.

Kazékiu trabalhava na sua mesa, revisando documentos, assinando papéis, e carimbando outros, quando subitamente deteve seu trabalho, sua percepção aguçada o alertou do perigo que se aproximava, ao fechar os olhos, com um pouco de concentração, começou a visualizar os túneis subterrâneos como se andasse por eles, após uma breve busca, encontrou o inimigo, que avançava.

— Laz! – ao primeiro chamado, surgiu um rapaz caucasiano, de cabelos e olhos prateados, a expressão era indiferente, vestia roupas brancas com detalhes em azul, carregava ao lado esquerdo, presa a sua cintura, uma katana embainhada.

— As suas ordens, mestre – curvou-se diante do ancião e abaixou a cabeça, sua voz era fria, não demonstrava emoções.

— Temos uma invasão na rota A-26. São lowders!

— Lowders? Aqui?! – estranhou, a feição mantinha-se indiferente.

— Irei contatar a Signios imediatamente, mas pode levar algum tempo até que cheguem aqui. Precisamos atrasá-los o máximo possível até que

os cavaleiros venham. Talvez seja muito arriscado, mas... Não podemos deixar que se aproximem da cidade de jeito nenhum!

— Suas ordens...

— Chame Senji e se reúnam com Mark e Ramon! Os quatro devem interceptá-los, mas foquem apenas em atrasá-los, não tentem enfrentá-los, é perigoso!

— Entendido! – tão rápido quanto um raio, Laz desapareceu junto com o soprar de uma brisa.

— Por que eles estão aqui?! – questionou-se. — Justo nesse momento! – socou sua mesa, indignado. — E trazendo um monstro como aquele... Aquela aura... Um membro do alto escalão?! Será que eles...

---

### Cidade de Cristo – Residência dos Enllux.

Izabell estava do lado de fora da residência da família, regando o belo jardim que decorava a casa.

— Izabell, você lembra onde eu guardei minhas ferramentas? – Senji surgiu de dentro da casa. — Não consigo encontrar em lugar nenhum, já procurei por todos os cantos.

— Se eu não me engano, elas estão... – Izabell parou subitamente, com uma expressão séria, olhou para trás. — Laz! – anunciou, no mesmo instante o homem surgiu diante do casal.

— Laz?! – Senji se surpreendeu. — O que você quer? – foi direto.

— Temos uma invasão na rota A-26. Mestre Kazékiu ordenou que nos reuníssemos com Mark e Ramon para interceptar os invasores.

— Invasores? Que tipo de invasores?! – questionou Izabell, séria.

— Aparentemente são lowders.

— Lowders?! – ela se assustou, deixando o irrigador nas mãos cair.

— Vou pegar meus equipamentos! – Senji correu para dentro da casa.

— E quanto aos cavaleiros Signios?! – a mulher perguntou.

— Mestre Kazékiu deve estar falando com eles nesse momento, mas não sabemos quanto tempo vai levar até que cheguem. Teremos que segurá-los por enquanto.

— Eu estou pronto! – Senji desceu com um par de espadas nas costas, utilizando um cinto com alguns mecanismos de forma esférica.

— Eu vou com vocês! – anunciou Izabell.

— Não precisa! Fique aqui e cuide de Gabriel, por favor!

— Não temos tempo, vamos! – Laz desapareceu novamente.

— Fique tranquila, estarei de volta logo! – ele lhe deu um beijo, e sem perder mais tempo, partiu em direção ao portão.

— Estou com um mau pressentimento... – Izabell estava preocupada.

Os lowders avançavam pelos túneis subterrâneos. Laz e Senji se moviam para interceptá-los, enquanto os cavaleiros Signios enviavam seus soldados para o local.

Izabell subiu para o quarto, onde começou a encarar o uniforme pendurado no compartimento da parede. Gabriel continuava na escola, sem saber de nada do que estava para acontecer, seguia com a rotina, assistindo as aulas e se divertindo, como em qualquer dia normal.

A Cidade de Cristo estava para passar por momentos turbulentos.